



Debate

Breve nota a guisa de réplica sobre o artigo de Carlos Figueiredo

César Bolaño (UFS).

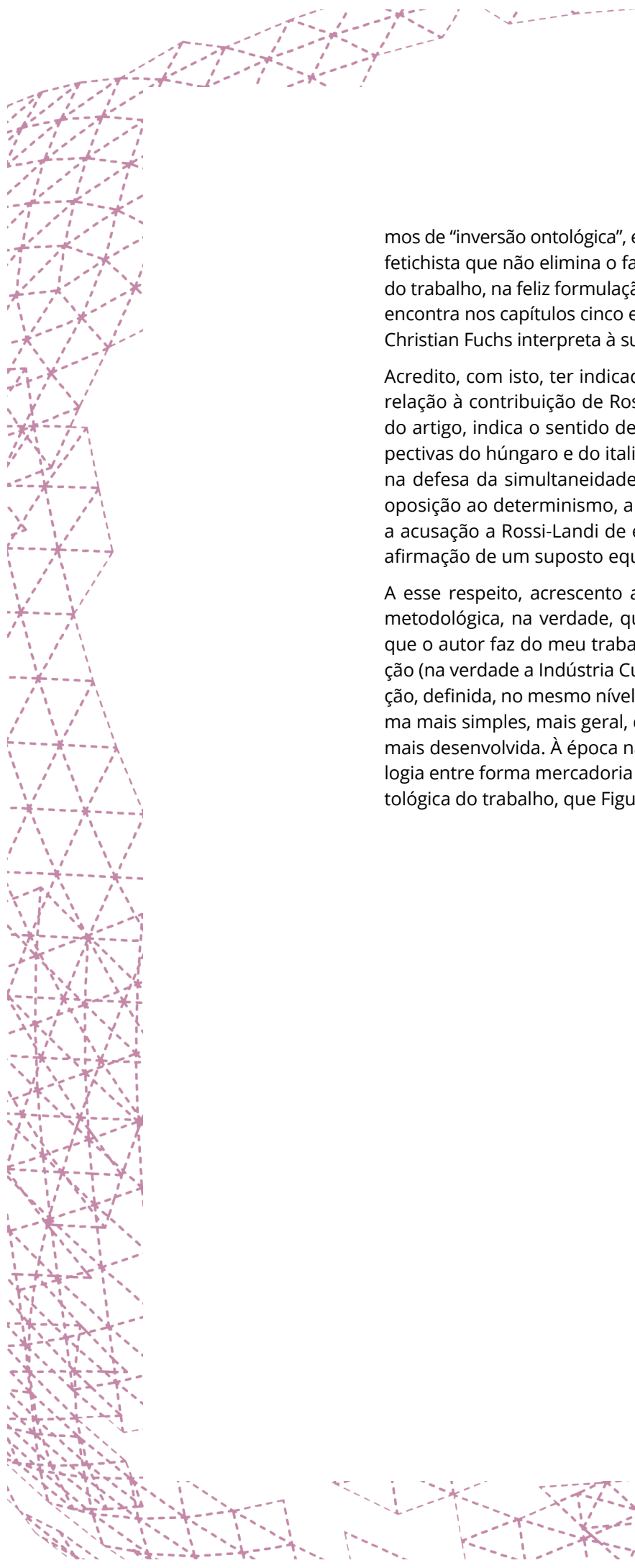
O artigo de Carlos Figueiredo propõe um diálogo muito importante para o campo da EPC, ao contrapor-se à recepção, por parte de alguns autores marxistas brasileiros da área da comunicação, do trabalho de Ferruccio Rossi-Landi. Não vou entrar, nesta nota, nas referências aos outros autores mencionados no texto. Tomo apenas a liberdade de apresentar alguns pontos que poderiam configurar uma resposta no que tange às referências ao meu próprio trabalho.

Minhas poucas referências ao livro de Rossi-Landi publicado no Brasil tiveram sempre como objetivo explicitar a divisão de tarefas entre economia política e teorias da linguagem no campo da comunicação e a necessidade de sua articulação para a compreensão da problemática da comunicação no seu conjunto, mesmo sem ter tido, até o momento, a pretensão de desenvolver os detalhes dessa articulação. O tratamento do problema em termos de homologia, em Rossi-Landi, evita tanto o economicismo, quanto a deriva semiótica ou o ecletismo, adequando-se melhor que outros linguistas ou semiólogos à perspectiva dialética da crítica da economia política.

Poder-se-ia falar em homologia também na relação entre abstração real e abstração no pensamento, na crítica da epistemologia, de Alfred Sohn-Rethel, considerando o princípio materialista segundo o qual o ser determina a consciência. Nada disso se choca com as perspectivas de Lukács. Ou seja, a solução para a pergunta sobre a relação entre economia política e comunicação passando pela relação entre trabalho e linguagem nos termos da ontologia do ser social não se contrapõe necessariamente àquela baseada nas homologias de Rossi-Landi, ainda que ajustes devam ser feitos, de parte a parte, e o artigo de Figueiredo tem o mérito de indicar aspectos críticos nesse sentido.

Nessa perspectiva, seria interessante indicar também as reconhecidas dificuldades de Lukács no tratamento da teoria marxista do valor, para além da sua fundamental contribuição para a filosofia, que levaram, por exemplo, importantes lukacsianos, no Brasil, a buscar, na matéria, amparo em Postone, um autor não apenas explícita e enfaticamente crítico de *História e consciência de classe*, mas essencialmente incompatível com qualquer ontologia do trabalho; um exímio usuário das ferramentas da lógica dialética, que utiliza para negar o trabalho como categoria trans histórica na obra de Marx, no interior de uma *démarche* revisionista de desqualificação do caráter revolucionário da classe operária.

Da minha parte, ainda que sem citar Lukács explicitamente, tenho tratado do problema, inclusive em artigo publicado nesta revista há poucos anos, em ter-



mos de “inversão ontológica”, em que a coisa se torna sujeito, numa operação fetichista que não elimina o fato essencial de ser o capital, uma forma social do trabalho, na feliz formulação de Vera Cotrim. A explicação do processo se encontra nos capítulos cinco e catorze do livro primeiro d’O Capital, os quais Christian Fuchs interpreta à sua maneira, de forma equivocada e unilateral.

Acredito, com isto, ter indicado os pontos de defesa da minha posição em relação à contribuição de Rossi-Landi. O próprio Figueiredo, a certa altura do artigo, indica o sentido de uma possível compatibilidade entre as perspectivas do húngaro e do italiano, quando aponta a coincidência de ambos na defesa da simultaneidade da gênese do trabalho e da linguagem, por oposição ao determinismo, a este respeito, de Engels. Em todo caso, tanto a acusação a Rossi-Landi de economicista é injusta, como inconvincente a afirmação de um suposto equívoco na sua recepção da minha parte.

A esse respeito, acrescento apenas uma pequena correção, uma sutileza metodológica, na verdade, que não diminui em nada a boa interpretação que o autor faz do meu trabalho: eu não derivo propriamente a comunicação (na verdade a Indústria Cultural) da forma mercadoria, mas da informação, definida, no mesmo nível de abstração da forma mercadoria, como forma mais simples, mais geral, que carrega já in nuce a contradição da forma mais desenvolvida. À época não o fiz, mas poderia falar também em homologia entre forma mercadoria e informação, tendo em vista a prioridade ontológica do trabalho, que Figueiredo enfatiza, citando corretamente Lukács